

RELAÇÕES AMOROSAS NA ADOLESCÊNCIA: DESENVOLVIMENTO HUMANO E NOVOS DESAFIOS TECNOLÓGICOS

RODOLFO EDUARDO SCACHETTI*

NANCY RAMACCIOTTI DE OLIVEIRA-MONTEIRO**

RENZO ROMANO TADDEI***

* Doutor, Professor da Universidade Federal de São Paulo, Santos, São Paulo, Brasil

** Doutora, Professora da Universidade Federal de São Paulo, Santos, São Paulo, Brasil

*** Doutor, Professor da Universidade Federal de São Paulo, Santos, São Paulo, Brasil

RESUMO

Este ensaio pretende explorar territórios das relações amorosas na adolescência sob o duplo prisma do desenvolvimento humano e dos novos desafios tecnológicos. Trata-se de uma incursão que define algumas fronteiras psíquicas e sociológicas sobre a adolescência e na sequência problematiza aspectos das interações adolescentes na era do digital, objetivando indicar tendências a equipes de saúde que devem lidar com esses grupos.

PALAVRAS-CHAVE

adolescente; amor; tecnologia; saúde do adolescente.

Neste ensaio trataremos de um dos aspectos do desenvolvimento de adolescentes, o das *relações amorosas na adolescência* - relações que, lembramos, fazem parte da substância da vida, de suas fortalezas e vicissitudes.

Próximo, (des)conhecido e rotineiro, o campo das relações amorosas é complexo e diversificado, e recebe muitas especificidades nos indivíduos, culturas e momentos históricos. A humanidade sempre se debruçou diante do universo amoroso, com formas artísticas, filosóficas, científicas, místicas ou religiosas. Todos são levados ao (e pelo) amor, em suas delícias, dores, descobertas, mistérios e desilusões.

Emocionalmente significativas e capazes de fortes movimentos mentais, as relações amorosas ocorrem durante toda a vida, desde o nascimento até

nossa morte. Será para sua vertente de trocas vinculares interpessoais durante a adolescência que nos voltaremos, especialmente a partir da análise das novas formas dessas relações amorosas, a saber, aquelas permeadas pelo emergente mundo tecnológico do século XXI. Para isso, inicialmente serão colocadas algumas das fronteiras de entendimento, inclusive multiculturais, que aqui serão aplicadas para compreensão de ‘relações amorosas’ e ‘adolescência’. Todos sabem que há diferentes tomadas de perspectiva para esses termos, e nossa escolha não deverá significar nenhuma desconsideração por propostas aqui não abarcadas.

A expressão ‘*relações amorosas*’ será aqui tomada como um conjunto de diversas possibilidades de trocas, desde aquelas que envolvem ternura, sexo e respeito recíproco, até aquelas encharcadas de paixão e poderamento (ZIMERMAN, 2001).

Trocas amorosas também incluem experiências de excitação, além de curiosidade e descobertas (muitas vezes carregadas de ansiedade) sobre o(s) outro(s), mas especialmente, sobre novos espaços no si mesmo e no mundo. Já a ‘adolescência’ será aqui entendida como uma etapa da vida, transição da infância para a adultez, que acontece, nos parâmetros urbanos ocidentais contemporâneos, em sua segunda década. A adolescência também será aqui tratada como uma fase na qual florescem muitos elementos do desenvolvimento do humano (BRONFENBRENNER, 2002), em especial os processos e produtos de domínios cognitivos, sexuais, e relacionais. Na adolescência parece acontecer uma ‘explosão’ positiva de hormônios, tipos de pensamento, formas de interação. Essa condição abre espaço interno e externo para ‘crises’, ofertando possibilidades de explorações de um novo mundo no desenvolvimento. É claro que isso não é indolor, e nem rápido.

Dentro de uma perspectiva sociológica, é interessante notar o investimento, por parte das sociedades, de forma geral, em canalizar as energias e os afetos despertados na adolescência de modo a tomar controle sobre o seu potencial socialmente desorganizador. Aqui nos referimos ao conflito recorrentemente presente entre a curiosidade juvenil, associada à grande quantidade de energia corporal e psíquica dos jovens, e os adultos-guardiões dos padrões, regras e convenções socialmente estabelecidos e que dão ao meio social estabilidade e previsibilidade. É nesse contexto que se inserem os rituais de puberdade, ritos de passagem carregados de tensão e, não raro, alguma forma de dor, em que o jovem é simbolicamente admitido no mundo dos adultos e levado a declarar seu compromisso com os ideais da coletividade, em detrimento da busca individual de prazer e satisfação que caracteriza a infância. São exemplos de tais processos de formação da identidade social do adolescente as muitas formas de circuncisão, praticadas em ambos os sexos; em sociedades ocidentais, podem-se mencionar os rituais de cunho religioso (crisma para católicos, *bar mitzvah* para judeus), o serviço militar, o direito à participação em rituais cívicos, como as eleições, os eventos de formatura escolares, dentre outros. Em todas essas formas de rito de passagem, há algum grau de controle sobre os afetos e a sexualidade do adolescente - a “construção” de um membro da coletividade, sociologicamente falando, implica também na elaboração de subjetividades socioculturalmente específicas, com decorrências afetivas e sexuais importantes. Isso implica em certa delimitação de tempos, espaços, objetos e formas de relação através da qual a dimensão afetiva da subjetividade se produz. Tal é o pano de fundo conflituoso em que os adolescentes conduzem sua exploração do mundo, de si, e das relações entre ambos.

Isso considerado, e nos limites de uma adolescência vivida nas comunidades urbanas e com as possibilidades e os desafios tecnológicos que marcam as primeiras décadas deste século XXI, retomemos brevemente alguns pontos de vista da psicologia do desenvolvimento da adolescência. Embora a passagem pela adolescência inclua uma enorme diversidade, mesmo dentro de uma cultura e momento histórico (a partir da própria individualidade, do papel

das famílias e grupos sociais), alguns elementos próprios dela são, grosso modo, comuns a todos. O ‘crescei e multiplicai-vos’ é realizável nesse momento da vida, em termos do potencial para a procriação. No florescer da puberdade, o corpo se transforma de uma maneira perturbadora e admirável, cheia de inquietudes, novas descobertas e transformações. No âmbito da sexualidade, as experiências masturbatórias são mais comuns, trazendo novas e intensas emoções que são expressas em sensações percebidas nas reações do próprio corpo - fronteira de uma subjetividade em metamorfose. Reações fisiológicas, como palpitações, tremores e enrubescimento são exemplos da expressão dessas emoções (do mundo interno) que acompanham afetos (nas interações com o mundo externo) de natureza sexual. Como o cérebro do adolescente ainda está em maturação (para recursos de autocontrole, por exemplo), comportamentos impulsivos são manifestados, e isso pode ocorrer também em relação à sexualidade.

As novas ‘relações amorosas’ emergem nesse contexto fisiológico de desenvolvimento, mas também em interação com novos e amplos grupos de identificação: com os pares, com ídolos e ideologias. Essas descobertas e apropriações avançam e, em parte, ‘substituem’ um mundo interno e relacional anteriormente habitado por figuras significativas dos pais, irmãos, parentes, professores e colegas mais próximos. Novos mundos são descobertos (e outros perdidos) pelo adolescente, que vai padecer ‘da dor e da delícia’ dos desvendamentos, conquistas e desilusões. Nesse sentido, crescer dói. Nas angústias do crescer ‘em e nas relações amorosas’, atributos e defesas serão mobilizados - individual e socialmente, e nem sempre de forma consciente -, como estratégicas para enfrentamento de conflitos e de situações de risco. Os profissionais da saúde que lidam com jovens devem considerar que adolescentes nem sempre conseguem controlar seus impulsos, já que não possuem bem maturados seus processos de discriminação entre o mundo interno e o externo, e têm dificuldades nas percepções de risco. A sexualidade do adolescente é um dos domínios de seu desenvolvimento mais permeado por situações de risco, que podem acarretar problemas em outros domínios, como o da saúde física, da capacitação escolar e da identidade. A questão é que o cuidado de adolescentes exige do profissional de saúde competências emocionais, e não apenas técnicas. Para cuidar de adolescentes, é preciso saber lidar com as idealizações e frustrações da própria adolescência. Isso exige esforço, mas é também uma forma de exercício profissional significativo, além da oportunidade para restauro e encontro de maior positividade na vida adulta.

Por outro lado, uma das dimensões a que devem se atentar os profissionais de saúde que lidam diretamente com os adolescentes é, nesta segunda década do século XXI, a incrível abrangência que as TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação) tomaram. Com o advento da Internet e, mais recentemente, com as chamadas redes e mídias sociais, ampliaram-se os grupos de referência dos jovens.

Não poderia ser diferente com respeito às relações amorosas do universo adolescente. Essa revolução digital resignificou as formas de interação e comunicação entre, sem dúvida alguma, humanos e máquinas, mas também incrivelmente entre os próprios humanos entre si. É nessa perspectiva que podemos e devemos buscar compreender a adolescência e as interações entre os jovens naquilo que poderíamos sem pudor chamar de “a era do digital”. É difícil imaginar uma esfera da vida humana que não tenha se transformado com as novas tecnologias, incluindo, sem dúvida, a das relações amorosas.

Há algum tempo atrás, lá para meados do século XX, a ascensão do estilo de vida norte-americano do pós-guerra nos autorizava a dizer que praticamente não poderia existir o namoro sem os automóveis e os cinemas *drive-in*. Os primeiros ainda não foram extintos, apesar de estarem na mira dos urbanistas com visão de futuro aguçada, mas encontrar um *drive-in* pelo mundo já deve ser uma tarefa bem mais difícil. Ora, os afetos adolescentes atualmente

podem mais facilmente ser movimentados a partir de outros espaços ou artefatos, e a Internet é sem sombra de dúvidas a mais importante dentre eles.

Algumas empresas já vêm percebendo essa forte transformação sociocultural, que sugere que as relações sociais mais relevantes das pessoas têm sido travadas atualmente na rede virtual. Filas de bancos, comércio ou espaços públicos parecem ter deixado de ser lugares de socialização para as gerações mais novas, já que todos esses espaços têm seus duplos virtuais –que são os verdadeiros focos de investimentos comerciais. Estes, por sinal, frequentemente trocam antigos ditos populares nos anúncios como o “diga-me com quem andas e te direi quem és”, que pais, religiosos e educadores dirigiam (ou ainda dirigem) aos jovens, por outros, agora mais conectados ao momento, tal como: “você é o que você compartilha”.

Mas quais as consequências dessas transformações que as tecnologias digitais têm trazido às relações e amores adolescentes?

Em primeiro lugar, “objetos” cibernéticos vêm ocupando o espaço de rituais de sociabilidade mais tradicionais no que tange à mediação das demonstrações de afeto. O caso do Facebook é paradigmático: além de uma apropriação pouco intuitiva (para dizer o mínimo) do conceito de “amigo” pela rede social, o dispositivo de “curtir” uma postagem de um membro da rede pessoal de um participante assume papéis importantes em termos afetivos, com impactos potenciais na forma como a relação entre os sujeitos se constitui. Adicionalmente, o algoritmo usado pela empresa seleciona as postagens dos demais membros da rede pessoal do participante em função do histórico de “curtidas” deste, o que gera um ciclo de retroalimentação afetiva e ideológica com grande potencial de produção de reificações, essencializações e exacerbações de manifestações de afeto. Isso produz relações afetivas tão intensas quanto fugazes, seja no campo da afetividade de cunho amoroso quanto da de cunho político, com boa tendência a geração de comportamentos meramente antagônicos e simplistas.

Há, como exemplo, casos de estudo em que buscou correlacionar a dependência da Internet (DI) e a presença de habilidades sociais (HS) em adolescentes (TERROSO; ARGIMON, 2016). Como resultado, obteve-se indicadores quantitativos sugerindo que indivíduos classificados como dependentes de Internet tiveram escores maiores quanto às dificuldades em executar as condutas relativas a um desempenho social mais hábil. Este parece ser um discurso bastante corrente nos estudos sobre jovens e TICs, e que de certa forma encontra então respaldo em pesquisas.

Mas o fato é que as realidades *off-line* não podem mais facilmente ser separadas daquelas *on-line*. Exemplo disso são as redes digitais móveis e os diversos dispositivos móveis como *smartphones*; eles não se separam mais dos corpos das pessoas e mantêm todos em rede constantemente, somando isso à possibilidade de rastreamento e monitoramento constantes. Já sabemos o que isso passou a significar do ponto de vista de temas como fidelidade nos relacionamentos, por exemplo. Por serem, tais objetos, fluidos, comportam tantas funções quanto formos capazes de imaginar através das aplicações ou aplicativos. Há alguns triviais como lanternas e calculadoras, mas como poderiam não existir aplicativos de namoro ou relacionamento tendo em vista toda a potencialidade dessas máquinas justamente inteligentes, como seu nome já sugere?

No caso dos *sites* de relacionamento, é bastante visível a forma como as relações são transformadas via tecnologia, e como esta acaba forjada no próprio campo dos seus usos. Há exemplo de descrição e problematização de um encontro amoroso adolescente a partir dessa ótica, baseado em um dos relatos de uma jornalista que se dedicou a pesquisar o tema (STENGEL; MOREIRA; LIMA, 2015). Como resultado, apresenta-se uma visão majoritariamente positiva

dessas relações, na medida em que se reforça que, buscando aqui a inspiração no clássico da literatura francesa *Le jeu de l'amour et du hasard* escrito por Pierre Carlet de Marivaux (1993), o jogo do amor e do acaso acaba facilitado na rede, ou, se quisermos, tornado de fato possível, ao contrário do que sugere a comédia francesa do século XVIII.

Na peça de Marivaux foram necessários vários artifícios de vestimenta e de linguagem para que os nobres e os serviçais pudessem intercambiar seus papéis e buscar determinar, disfarçados, se o amor de fato existia. A narração é engenhosa na medida em que a ideia da nobre de mandar sua serviçal conhecer seu pretendente (escolhido por seu pai) acaba sendo replicada pelo próprio pretendente, que também decide enviar seu servo no papel de senhor. Entretanto, como ambos os nobres decidem ficar à espreita, travestidos de serviçais, ocorre uma espécie de curto-circuito quando a jovem rica começa a se encantar diante da corte do servo de seu “verdadeiro” pretendente!

Mas se Marivaux destacava a rigidez social e a fixação nos modos da sociedade francesa do período, cujos relacionamentos, nesse sentido, sempre ocorreriam entre pessoas de mesmos estratos sociais, o que vemos com as redes sociais atualmente é bastante diferente. Note-mos aqui que rede é muito diferente de estrato social. Através dos *avatares*, nome recente para os velhos disfarces e máscaras, jovens podem iniciar relacionamentos que a idade, aparência, status social ou mesmo a localização geográfica talvez nunca autorizassem; com as virtudes e as vertigens disso.

Mencionamos antes que a própria tecnologia (e não apenas as relações humanas) acaba sendo forjada em seus usos. Isso é outra dimensão que merece a atenção dos profissionais de saúde, que lidam mais frequentemente com a dimensão dos problemas dos adolescentes. Um exemplo disso (que pode até estar ligado aos *sites* de relacionamento, já que é marca dessas tecnologias a ‘interligação’) é o chamado *Sexting* (PORTO, RICHTER, 2016) que promove um desvio de função em aplicativos. Isso significa a junção das palavras inglesas *sex* (sexo) e *texting* (torpedo). Serviços de trocas de mensagem muito comuns atualmente são, dessa maneira, usados (seja em casos mais superficiais, seja em casos de ruptura de confiança em relacionamentos de maior investimento psíquico), para viralizar (disseminar) fotos com conteúdo erótico ou sexual, o que tende a produzir constrangimentos e mesmo problemas psíquicos mais graves como depressão nos envolvidos. Por isso é bastante relevante que os profissionais de saúde tenham clareza de que o universo de direitos e deveres dos adolescentes tende a ficar mais vasto para as novas gerações.

Sem dúvida se trata de um universo de novas questões que as TICs levantam, impactando os processos de subjetivação dos adolescentes; aos profissionais de saúde cabe estar sintonizados com essas práticas adolescentes para que possam caminhar para o cuidado integral.

REFERÊNCIAS

- BRONFENBRENNER, Urie. *A ecologia do desenvolvimento humano: Experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- MARIVAUX, Pierre Carlet de. *Le jeu de l'amour et du hasard*. Paris: Bookking International, 1993.
- PORTO, Andrio Albiere, RICHTER, Daniela. *Sexting: a prática viral que vitimiza adolescentes e seu estímulo pelo uso das novas tecnologias*. XII Seminário Nacional Demandas Sociais e Políticas Públicas na Sociedade Contemporânea. Disponível em: <<https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/snpp/article/viewFile/14773/3605>> Acesso em: 10 jul. 2018.
- STENGEL, Márcia; MOREIRA, Jaqueline Oliveira; LIMA, Nadia Laguárdia. O amor na internet: um encontro amoroso de um adolescente. *Psicologia em estudo*. Maringá, v. 20, n. 2, p.319-330, 2015.

TERROSO, Lauren Bulcão; ARGIMON, Irani Iracema de Lima. Dependência de internet e habilidades sociais em adolescentes. *Estudos e pesquisas em psicologia*. Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p.200-219, 2016.

ZIMERMAN, David Epelbaum. *Vocabulário contemporâneo de psicanálise*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

ABSTRACT

This essay aims to explore territories of love relationships in adolescence under the double prism of human development and new technological challenges. It is an incursion that defines some psychic and sociological boundaries on adolescence and problematizes aspects of interactions in the digital era, aiming to indicate tendencies to health teams that must deal with these groups.

KEYWORDS

Adolescent; love; technology; adolescent health.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem aos integrantes dos grupos de pesquisa LADH - Laboratório de Psicologia Ambiental e Desenvolvimento Humano e LISTA - Laboratório de Pesquisas em Interações Sociotecnicoambientais, com os quais vêm discutindo temas na chave das interações entre humanos, tecnologias e ambiente.